

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Providencias

«Wash'ng'on, 16—O governo apresentou um projecto de lei prohibindo a exportação de armas para os paizes que onde vie sem a poder servir para fins revolucionarios». — (Dos jornaes).



Para os freguêses, Portugal e Mexico:
— Temos, mas não vendemos.



PALESTRA AMENA

Toureiro á francesa

Bolchevistas, soviets, etc. e tal

Ora se diz que o bolchevismo, os soviets, etc. e tal, faliram na Rússia, ora se diz que não. O que, porém, parece averiguado é que de toda aquela emboalhada alguma coisa ficou, além do sangue derramado e das lágrimas choradas e essa alguma coisa vem a ser o arrependimento de se lançar cegamente a turba n'uma aventura cujo fim se não tinha previsto devidamente.

Agora faz-se penitencia e até o novo regime da propriedade (que, afinal de contas, sempre teve de ser sujeita a um regime) vai regressando á antiga, visto que o governo dos tais senhores, hontem escravos, determinou que as propriedades imoveis cujo valor antes da guerra fosse de 75 milhões de rublos sejam devolvidos aos seus legítimos proprietários, confessando-se que os legítimos eram os antigos, os primitivos.

Bom. A dificuldade estará, talvez, em encontrar esses tais legítimos proprietários, visto que muitos foram feitos em pedacinhos e outros partiram para fóra da Rússia e todos se voltarem, porque pode esfalhar-se o mosquito e o gado da restituição...

Ora, tudo isto se teria evitado, isto

é, ter-se-lhe evitado este fiasco da confissão do erro, se os da Rússia tivessem consuado, antes da revolução, um operário que conhecemos, residente n'uma importante cidade do norte de Portugal e que tem sobre o regime bolchevístico da propriedade as ideias claras que faltaram aos lenins.

Dizia ele há dias a um amigo — e podemos dar ao leitor a nossa palavra de honra de que não se trata d'uma anedota, mas d'uma verdade irrisimamente verdadeira... Dizia ele há dias a um amigo:

— O bolchevismo em Portugal é á por pouco. Tomára-o já cá, porque ficou bem governado. A parte que me vem a caber nas propriedades cá da cidade, que serão repartidas, com as fazendas que hoje tenho na minha terra, chegou-me para passar o resto dos meus dias razoavelmente...

Pois é assim mesmo. Este é que a sabe toda e o melhor da passagem é que é ele quem tem razão, como aquele cabelleiro Lechat dos «Negócios não negócios» (vá lá mais um reclamitoso á peça do Ginásio) que tendo-se apoderado d'um palácio que pertencem aos reis de França, exclama para os amigos:

— A quem pertence hoje este palácio? a um duque? a um conde? Não; é a um proletário!

J. Neutral

Inter-cambio

Que as nossas relações com a querida vizinha Espanha se estreitam cada vez mais, eis uma verdade incontestável — apesar d'aquella pertidinha nas agnias de Marrocos, por via d'atum. Agora, foram os estudantes espanhóis que, de regresso ao paiz natal, nos fizeram justiça quanto ao modo como os recebemos, de onde as esperanças de rejunção de cordialidade entre os dois paizes.

E já agora — não para desmanchar prazeres, mas porque o caso teve imen-



sissima graça — aí vai, resumidamente narrado, o que se deu há uns 20 anos em Madrid, quando a Tuna Academica de Lisboa, sob a direcção do saudoso Hlido Amado, visitou os estudantes d'aquella capital.

A entrada da tuna em Madrid já foi coisa muito de ver-se, pois que não havendo ninguém na estação a esperá-la, apesar dos avisos previos, a policia, entrando o grupo de rapazes de capa negra a tocar pelas ruas, de bandeira erguida, não se esqueceram de os mandar meter as violas no sacco e abater a bandeira, que bem podia ser um sim-

bolta revolucionario. Mas isso não foi nada. O melhor da passagem foi quando a tuna portuguesa tomou parte gratuitamente, n'um espectáculo de caridade e executou um «pasa alle», de autoria espanhola. Terminada a musicata, immediatamente se apresentou ao regente da tuna um delegado da sociedade dos «maestros» espanhóis, ou coisa assim... exlindo os respectivos direitos de autor. Pagaram-se com lingua de palmo, já se deixa ver.

Nem tudo, porém, foram notas desagradáveis, na visita: houve um banquete, oferecido aos tunos portugueses, por sinal que depois de cada prato os estudantes espanhóis perguntavam aos colegas de cá, como se este nunca tivessem provado tão saborosos petiscos: — Que tal?

Ora então, venha de lá esse chit-coração, amigos espanhóis e que seja por muitos anos.

Menos essa

O jornal espanhol «El Tiempo» publicou há dias uma crónica de Carmen de Burges, acerca do funcionamento da Cruzada das Mulheres Portuguezas, e mostrando-se partidaria da igualdade de direitos para ambos os sexos.

Pode ser partidaria do que muito bem lhe aprouver, a talentosa dama, mas se imagina que nós, os homens, estamos dispostos a andar como as senhoras, de perna á vela, da cintura para baixo, está muito enganada.

Aquí ha pudor, graças a Deus!

Não assistimos á tourada do ultimo domingo no Campo Pequeno, nem precisavamos assistir para fazermos ideia da lid do «espada» francês, mr. Pierre Poly — ou seja Pedra Polida, como traduziram muitos cavalheiros que nós conhecemos.

Evidentemente o «monsieur» tem uma forma de tourear muito diversa da portuguesa e da espanhola, que são, a bem dizer, á brua. Não só porque o sr. Pierre é Poly (nestas coisas de toureiro o «i» grego vale tanto como o «i» latino), mas também porque é do paiz das felicidades, as coisas devem ter-se passado assim, pouco mais ou menos: O toureiro para o boi:

— Je suis enchanté de faire votre



connaissance, mon cher taureau. Vous portez-vous bien?

O boi, todo desvanecido, dando a patá:

— Très bien, monsieur. Que voulez-vous de moi?

O Poly:

— Je ne désire que parer votre dos en y plantant quelques paires de dards, ornés de rubans en couleurs...

O bicho, comovidíssimo:

— Oh! Mais avec plaisir, mon cher mr. Poly! Faites comm' li bon vous plaira!

Pelo que o «monsieur» terá espetado um rico par de ferros e ouvido o bom e o bonito do boi:

— Canaille! Fripon! Vous êtes le dernier de derniers!

E se não apanhou algum «coupe de cornes» no «derrêre» foi por ter dado a tempo com os calcanhares no dito.

Petição do clero

Noticiam as folhas diarias que os srs. arcebispo de Braga e bispo de Leiria e Portalegre se avistaram com o sr. Presidente da Republica para lhe fazerem uma petição sobre assuntos religiosos, alguns dos quaes relatam, mas não todos. Creemos não andar longe da verdade se dissermos que se trata também da conversão do sr. Afonso Costa ao catolicismo: o que os prelados exigiam, era nem mais nem menos do que a entrada do mesmo senhor para um convento, mas parece que não foram tão longe. Contentam-se em que ele faça penitencia publica e consinta em se vestir de anjinho nas procissões.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Minha cempre istimada amétade du mē curasão.

Cá arresebi as tuas cridas duas regras escrevidas pelo senhor prior cum respêto a nau xuver i os noços amanhos pressisarem m unto de anga mas nan ti afelijas que canto menos gēnaros oiver mais çaro a jente ós pois u vende i intão dá a coisa prá coisa i u senhor prior que nan fassa as presses que diz a Noça Sinhora porque cenão prantase prá i a xuver que ce alaga tudo, mas cum isto nan te infado mais i voute falar no «Singue azul» que é uma pessa que já foi duas vezes nu triatro da terinlade caquilo é eu Pina anda cum çorte benzó dens i a mia me nan densinpar cuja pessa é de uma sinhora i touda escrevida in verço munto cumprido caquilo cando us atores xegam ó fin já ninguem ça lembra cumo é u prencipo i vai ós pois a pessa é cumo ce dixecemos touda cōr de rosa dismaidada nin carne nin pexe nin grande nin piquena nin vōa nin má nin fedalga nin repvlicana antís pelo cuntrairo. In majina tu cá uma caxopa que gosta dun fedalço i u fedalço gosta da caxopa i que andaram in piquenos ós ninhos in riba das arveres i paçaram muntas noites intē manhé deitados nu



rastolho a cuntarem as istrelas du sēn mas sim maldade nenhuma. A caxopa ten u casamento cuntratado cum otro rapaz, mas este rapaz que ten lume nu olho presebe ca caxopa ce casar cum ele prega na minina du olho i intão tó caroxo paça pur cá munto ben i vai mas é pró brazil. O fedalço ben cria casar cum a caxopa, mas ele ten u sangue azul i u de ela é berde i incarnado; vai ós pois ela pega a falar tão ben que ele diz caquilo é coisa de rasa cum touda a serteza. E é infetivelmente porque cu sangue berde i incarnado da mãi da caxopa cuja mãi já murreu deus le falle nalma misturouce in tempo u san, ue azul i branco du D. Gastão qui era tio du fedalgninho. Logo pur concegnite ção primos i ele já pode casar cum ela cem os antipaçados ce iscamarem mas ela é que ten tanta rasa que intão diz que nan quer: lá pur dōses é que nan ascita un fedalço pra marido; mas vem a çaber cu fedalço tinha tinsão de mandar a fedalguia pró infernos pra casar cum a caxopa e vai ós pois esta diz que sin i casam ambos i dois cumo nan pudia dechar de cer porque nu sigundo ato uma sigana tira as cartas pur cosa da caxopa i disco-

EM FOCO



Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos

*Apanham amanhã um bom almoço
E eu não sómente aprovo a bela ideia
Mas se algum propuzer jantar e ceia
O alvitre aceitarei com alvoroço.*

*Não fo-se eu um pelintra sem carço
Que os sustentava a mólho de lampreia,
A peito de faisão, mesmo a geleia,
Emfim, ao que quizessem, fino ou grosso!*

*E não era pagar com grande usura
As fizesas que devo á troupe amiga,
Nestes tempos que correm, de amargura.*

*O riso, já se vê, não se mastiga;
Mas devo-lhes pançadas com fartura
E sempre engano a pobre da barriga...*

BELMIRO

bre que ela ade casar cum um valete i cumo u valete é conde i cumo u fedalço tamen é conde a varina vai ó conde —credo. lá me enganei—tudo calha munto bem; ós pois tamen direito cu ipisoido da sigana é munto bem metido principalmente porque fala in redundilha pra te diferensar das otras persunages i nan ce digo mais nada cenão que os imprezarios fazem munto mal in prefirem pessas istranjeiras ás portugesas porque portugesas vōas nan faltam u que falta é puvlico cando elas ce arrepresenton i intão arresebe çodossas alimbransas pra ti prá ubrigasão i pra quem pur min prégnutar i intē ás neves que é tempo frēcco i nan me mandes u litro d'azêto que en te incunmeidei porque in Lisboa nan pode intrar i vinha cá fazer munto desarrajo ós planos du sr. trancoso que já ten as insistencias caxe que a dirêto que é loyar a deus de gatinhos cum a açubi 'a dus jēnaros mas já ninguem ce rala nin cu ca vida ção dois dias deste ca vida te deseija á mãi.

Jerolmo
Emprezario do Pauliteama
da Peras Rulvas.

Cedulas falsas

Alguns individnos dedicavam-se na cidade do Porto á florescente industria do fabrico de notas falsas, lançando-as no mercado á medida que as iam fabricando e fazendo apenas o numero suficiente para as suas despezas diarias.

Agora, os tribunais são capazes de não estar com demasias e de condenarem os pobres homens. Se tem guardado as notas, ó da guarda, que eram açambarçadores; como as punham em giro, ó da guarda, que são gatinos!

Não se pode viver honradamente n'am paiz d'estes!

A "briosa"

Não sabemos, nem queremos saber, se na questão entre o professor da Universidade de Coimbra, Angelo da Fonseca, e os estudantes, é aquele que tem razão, ou estes: sej quem fór, estamos, de alma e coração ao lado da "briosa", porque ela é a mocidade, a espontaneidade, a graça—e um lente é sempre uma pessoa grave, ponderada e sem graça nenhuma.

Querem os rapaz s que o lente seja substituído? Pois procedem muito bem e o governo o que tem a fazer é substituí-lo; se o não faz, os estudantes serão ensinados por um individuo que por mais sabio que seja, lhes é anti

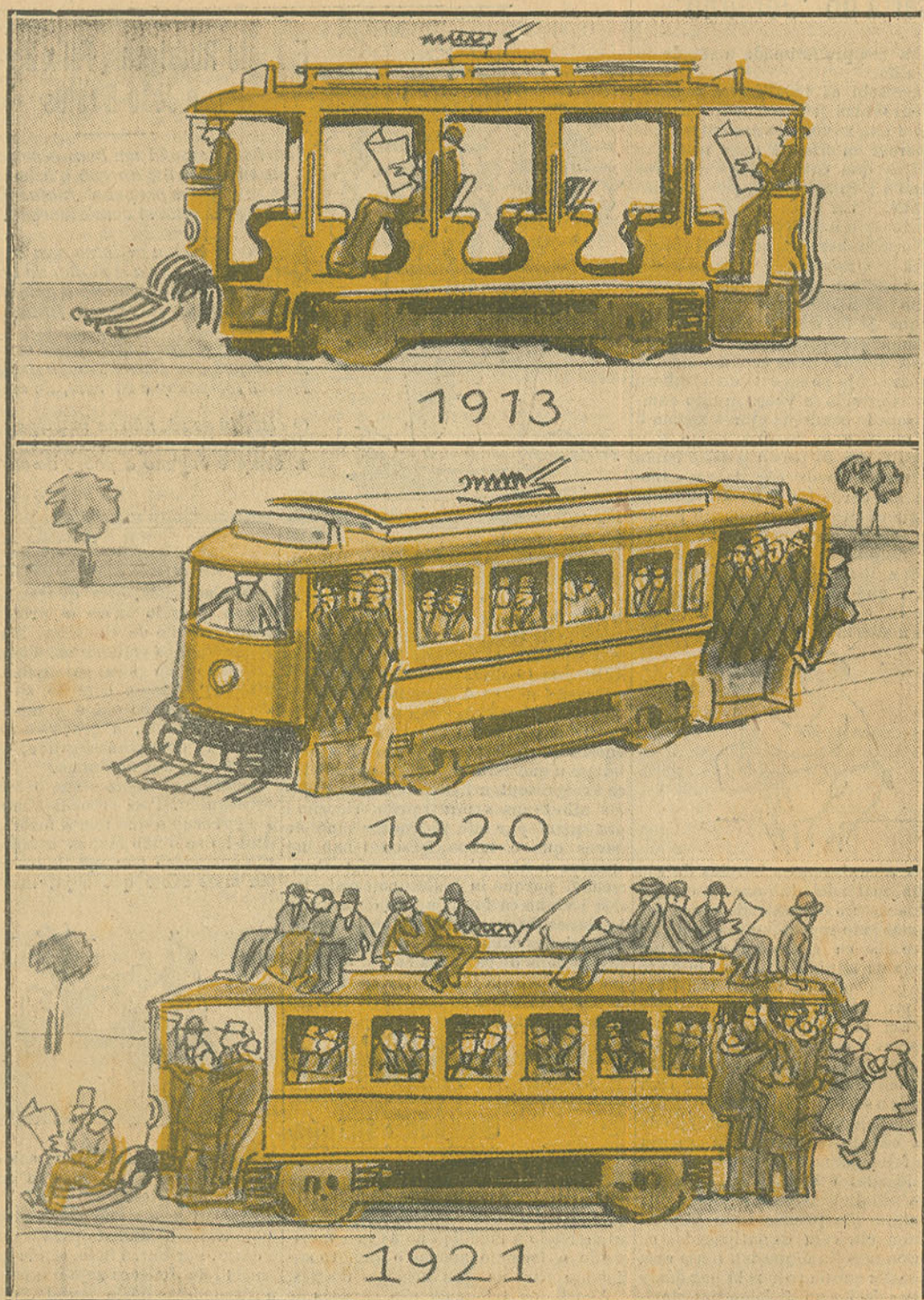


patico e não ha nada peor, sob o ponto de vista pedagogico, do que um professor ntipatico.

Simpatiar o aluno com o professor é meio caminho andado para o ensino — e como, por outro lado, ainda que o sr. Angelo da Fonseca seja o homem menos rancoroso deste mundo, não pode deixar de nutrir um tal ou qual ressentimento contra quem o quiz expulsar da cathedra, aí temos dupla razão para que as lições fiquem mal subidas.

Fóra, pois, com o sr. Angelo da Fonseca, pessoa, aliás, muito do nosso respeito e veneração.

Progressão crescente



De como se prova que a concorrência está na razão inversa dos preços, ou que o numero de tolos é infinito...